

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARIA BEATRIZ REIS DIONÍSIO

**O CONTROLE EMOCIONAL COMO VIOLÊNCIA: UMA
REVISÃO SISTEMÁTICA**

São Carlos

2019

MARIA BEATRIZ REIS DIONÍSIO

**O CONTROLE EMOCIONAL COMO VIOLÊNCIA: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal de São Carlos, como
requisito para o título de bacharel em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. João Henrique de Almeida

São Carlos

2019

AGRADECIMENTOS

“Tem tudo a ver com Ele, com Ele eu sei para onde eu devo ir”. Agradeço Aquele que me deu a vida e me sustentou nos momentos mais difíceis para que eu pudesse continuar lutando pelos meus sonhos. Ao meu Deus, todos os meus dias foram e são para e por Ti.

Aos meus pais, Ivanilde e Almir, não há palavras para expressar minha gratidão por tudo que fizeram por mim. Vocês entraram nesse sonho comigo e lutaram bravamente para que eu conquistasse esse lugar e me formasse na profissão e universidade que desejei. Não cabe aqui o quanto amo vocês. Aos meus irmãos, Diego, Felipe e Marina, obrigada por cuidarem de mim sempre, obrigada por tamanho amor e carinho, obrigada pela alegria em me receber de volta a cada retorno, eu os amo com todas as minhas forças e vocês são meu norte para onde quer que eu vá. O mesmo carinho se estende as minhas cunhadas, Helena e Marina, a quem tenho por minha família e sempre se alegram com minhas vitórias. Agradeço às minhas sobrinhas Lorena e Luisa, por serem meu combustível, minha força, meu coração que bate fora do peito, obrigada por me ensinarem tanto! Com vocês experienciei a maior saudade que acredito ser o máximo que o ser humano é capaz de suportar. Aos meus avós, isso tudo é por vocês!

Aos meus padrinhos, Rose e Denilson, eu definitivamente não estaria aqui sem vocês. Aprendi e aprendo sobre o amor há 23 anos com vocês, jamais serei capaz de agradecer o suficiente por terem entrado na minha vida. Obrigada por me encorajarem em todas as etapas que passei e as que ainda virão. Obrigada por estarem sempre presentes. Eu amo vocês infinito vezes infinito.

Aos meus amigos, Bruna, Carolina, Renê, Juliana, Ellen, Gabriel, Mariana, Aline, Thalyse, Meiriane, Suzana, Bianca e tantos outros que fizeram parte dessa jornada, não faria o menor sentido sem vocês. Obrigada por tornarem todos os anos tão especiais por ter a presença de cada um. Obrigada por terem me apresentado a “Mabi”. Levo vocês comigo em meu coração para qualquer canto desse mundo.

RESUMO

No processo de aprendizagem acerca das emoções, o comportamento operante denominado Responder Relacional Arbitrariamente Aplicado (RRAA), apresentado pela Teoria das Molduras Relacionais, é responsável por, através de inúmeras relações, como por exemplo, a oposição, nos ensinar relações abstratas como a de que alegria é o oposto de tristeza. Ainda que estudos indiquem a existência de emoções básicas e inerentes aos seres humanos (alegria, tristeza, raiva, medo e repugnância), e que possuam amplamente um papel importante na regulação dos organismos, a cultura é que possui a função de lhes atribuir significados ou formas de controle. A maneira com que uma criança, por exemplo, aprenderá a controlar as suas emoções está atrelado às práticas de socialização adotadas por seus cuidadores. Elas podem tanto contribuir para um manejo adequado de eventos privados, como também reforçar uma distinção de superioridade entre as emoções, sobre qual é melhor do que outra. As estratégias de controle usualmente transmitidas produzem um desconhecimento do indivíduo sobre si mesmo quando incentivam o não contato com determinadas emoções. Além disso, também gera a chamada Esquiva Experiencial, uma forma de evitação de emoções, pensamentos e sensações indesejadas. A violência, mais especificamente o abuso emocional, também possui estreita relação com a esquiva experiencial, sendo constantemente retratada na literatura como uma propulsora desse tipo de evitação, assim como o controle das emoções o é. Tendo em vista esses pontos em comum, o presente estudo levantou a questão sobre a maneira com que aprendemos a controlar nossas emoções e atribuir a elas uma valência que altera nossa relação com as mesmas, ser análoga a um abuso emocional. Para isso, a presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura de modo a identificar a relação existente entre controle emocional e abuso emocional. Foram consultadas as bases de dados CAPES, Scielo, LILACS, PePSIC, Web of Science com as palavras chaves “controle emocional” e “abuso emocional” ou “abuso psicológico” e o seu correlato em inglês. Ao todo foram encontrados 247 artigos. Após a inserção dos critérios de inclusão e exclusão, a amostra final totalizou 8 artigos. Os principais resultados mostraram que os artigos apresentavam, predominantemente, uma relação de consequência entre controle emocional e abuso emocional, com o primeiro sendo apresentado como um efeito adverso da vivência do segundo. E apontaram que metade dos estudos selecionados colocavam o controle emocional como passível de ser adequado ou não, enquanto os outros quatro o mencionavam como uma prática negativa. Verificou-se, portanto, que a relação entre controle e abuso emocional foi majoritariamente consequencial, que existem distintos termos para designar o tema e, por último, foi discutido sobre a supressão das emoções, especificamente negativas, e como ocorreu tal controle ao longo da história. O presente estudo sugere que essas práticas de controle das emoções socialmente empregadas são uma violência para com os outros e si mesmo, por afetar consideravelmente o desenvolvimento emocional dos indivíduos e suas formas de se relacionar e se expressar com os demais.

Palavras chave: controle emocional, abuso emocional, esquiva experiencial.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	6
2 Método.....	11
3 Resultados.....	12
4 Discussão.....	16
5 Considerações finais.....	22
Referências.....	23

1 INTRODUÇÃO

No estudo das emoções, seis delas são consideradas básicas e, portanto, universais e inatas aos seres humanos, sendo tais: alegria, tristeza, raiva, medo e repugnância (Ekman, 1971). Ainda que determinadas por processos biológicos, elas também são pelos aspectos socioculturais. Logo, o significado atribuído a cada uma, a forma de controle ou expressão e a aprendizagem de sua representação simbólica são produtos da cultura (Ekman, 1992; Santos, 2007). Embora todas possuam um papel importante para a regulação dos organismos, a distinção mencionada é ensinada desde o nascimento e percebida em frases como “ela é um bebê tão bom, nunca chora”, “pare de chorar”, “não precisa ficar triste”, “não seja um bebê” e “que feio ficar bravo” (Hayes & Wilson, 1994; Santos, 2007).

A Teoria das Molduras Relacionais apresenta uma perspectiva funcional acerca da linguagem e cognição humana, ela demonstra que para além do que já se conhece sobre o processo de aprendizagem na visão analítico-comportamental, há um outro comportamento operante responsável pela aprendizagem. Este é denominado Responder Relacional Arbitrariamente Aplicado (RRAA) e corresponde a relacionar um evento a outro com base nas contingências fornecidas pela comunidade social e isso pode ocorrer de diversas maneiras, como por similaridade, oposição, distinção, hierarquia, analogia ou temporalidade (Stewart, 2015; Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2001; Torneke, 2010). Desta forma, compreende-se que por meio do RRAA de oposição podemos aprender verbalmente relações abstratas como a de que alegria é o oposto de tristeza, e que elas correspondem, a partir de uma construção social, a algo bom e ruim, respectivamente.

Atualmente existem muitas pesquisas que investigam sobre a importância das emoções, a forma com que elas se desenvolvem, a aprendizagem de suas expressões e regulação (John & Gross, 2004; Ekman, 1971/1992; Dunsmore & Halberstadt, 1997; Gross & Levenson, 1997; Suveg et al, 2008; Sheppes et al, 2011; Aggio et al, 2014; Fonseca, 2016; Koch et al, 2018).

Todos esses fatores estudados, desde a importância das emoções até a aprendizagem de sua expressão, possuem profunda relevância no desenvolvimento emocional dos indivíduos e estão interligados de alguma maneira.

Experimentar a emoção talvez seja um dos primeiros contatos que um bebê possui com o conjunto de sensações e mudanças fisiológicas que posteriormente aprenderá a verbalizar, distinguir e significar o que são (Mendes & Moura, 2009). O que não significa que os processos emocionais estejam desconectados um do outro, até mesmo porque esse experimentar a emoção vem acompanhado de visualizar as expressões de seus cuidadores e escutar sons semelhantes quando ensinados sobre, por exemplo (Eisenberg, Cumberland & Spinrad, 1998).

Essa interação ainda no início da vida e infância vai ter papel fundamental em como uma pessoa interage e lida com suas experiências emocionais até na idade adulta (Vale, 2009; Mendes & Moura, 2009; Schwartz, Lopes & Veronez, 2016). Nesse trajeto, estão as já mencionadas relações arbitrárias diversificadas, que nos permitem aprender sobre as emoções com o objetivo de distingui-las, compará-las, organizá-las e inserir os valores simbólicos culturalmente estipulados, o que significa, de modo superficial, se são vistas como negativas ou positivas (Santos, 2007).

A maneira com que isso ocorre depende das práticas de socialização adotadas pelos cuidadores, isto é, as estratégias que representam as crenças e expectativas destes em relação ao desenvolvimento emocional da criança (Denham et al, 1997; Mendes & Cavalcante, 2014). Em um estudo realizado por Keller e Otto (2009), buscaram verificar o papel da cultura no desenvolvimento da regulação emocional. Para isso, investigaram as diferenças nas metas de socialização de um grupo social tradicional do contexto rural em relação a famílias alemãs de classe média urbana das capitais ocidentais.

Observou-se a partir deste estudo que as estratégias de socialização utilizadas pelo grupo inserido no contexto agrário, os Nso de Camarões, eram primariamente objetivando o controle emocional e, principalmente, a “supressão da expressão de emoções negativas”. Enquanto isso, as famílias de classe média tinham a tendência a valorizar a expressão das emoções como uma forma de promover a autonomia do sujeito.

A depender das estratégias adotadas a distinção entre as emoções e atribuição de função positiva ou negativa entre elas será maior ou menor. De certo modo, essa distinção é necessária para que posteriormente o indivíduo em formação saiba regular a expressão dessas experiências, isso, de fato, contribui para o convívio em sociedade (Gross & Levenson, 1997; Fonseca, 2016). As sanções a que somos submetidos na sociedade atual são motivadas pela necessidade em prever o comportamento de seus membros por uma questão de garantia da sobrevivência de todos (Tourinho, 2006; Elias, 1994, p.189; Brandão, 2001). Se não houvesse tais ajustamentos, a expressão de determinadas emoções, como, por exemplo, gargalhadas referentes a alegria, em momentos em que ela seria inconveniente, tal como um funeral ou durante uma palestra, poderiam ser cenas comuns. Logo, é saudável e necessário que seja ensinado desde cedo aos indivíduos como modelar a expressão emocional (Macedo & Sperb, 2013; Franco e Santos, 2015).

Todavia, o que chamam por regulação das emoções deveria objetivar a autonomia do sujeito, o autoconhecimento do seu funcionamento emocional e o alcance de um equilíbrio apropriado de sua expressão. Mas, a sociedade como um todo em sua busca pela civilização passou a mais suprimir a exteriorização das emoções do que ensinar o controle adequado (Pisani et al, 1982). Em meio a isso tudo, as emoções tidas comumente como negativas tendem a ser as mais frequentemente suprimidas, como uma forma de não se entrar em contato com o incômodo que elas possam gerar (Hayes, Pistorello & Levin, 2012; Hayes & Smith, 2005). A classificação das emoções como boas ou ruins é ensinada desde muito cedo, na mais tenra

idade as crianças aprendem acerca da dicotomia entre emoções boas e ruins, as que devem ser cultivadas e as que devem ser descartadas, tendo-se uma ideia materializada das experiências internas e de que elas são passíveis de manipulação como os eventos externos (Eisenberg et al, 1998; Hayes et al, 2003).

Através da linguagem, a cultura promove estratégias de controle das emoções como uma maneira bem-sucedida de evitar experiências não desejadas, e os resultados disso costumam ser contrários ao esperado, e prejudiciais para o indivíduo (Hayes et al, 2003; Sayers & Sayette, 2013; Harris, 2006). Muitas das vezes o controle verbal não corresponde ao controle de eventos privados, pelo fato de que as experiências emocionais podem ser condicionadas direta ou indiretamente. Logo, se emoções vistas como negativas foram associadas a um determinado evento, tal despertará por si só as emoções que a ele foram associadas (Hayes, Wilson, Gifford, Follette & Strosahl, 1996). Portanto, o controle através do verbal pode ser ineficaz e ainda levar a uma inibição do indivíduo de entrar em contato com suas experiências emocionais.

A evitação de emoções indesejadas, pensamentos ou sensações é denominada pela ACT, sigla para Acceptance & Commitment Therapy (Terapia da Aceitação e Compromisso), como esquiva experiencial (Harris, 2006). A ACT é uma terapia comportamental baseada em um conjunto de princípios relacionados ao comportamento verbal humano como responder relacional derivado (Barbosa & Murta, 2014; Hayes, Strosahl & Wilson, 1999). Ela pretende tratar questões psicopatológicas baseadas em linguagem, que resultaram do comportamento de esquiva experiencial. Isso se dá através da utilização de processos psicológicos de mudança que visam à flexibilidade psicológica do indivíduo, ou seja, “a capacidade de entrar em contato com o presente momento e experiências internas que estão ocorrendo” (Hayes et al, 2006 *apud* Twohig, 2012). A intervenção em ACT, em outras palavras, é focada principalmente no conteúdo verbal, por entender que este, enquanto uma forma adicional de controle ambiental, irá sobrepujar outras formas de controle comportamental do indivíduo.

Eventualmente a esquiva experiencial aparece como consequência da vivência de situações de violência ou de práticas de controle das emoções. Há estudos que mostram essa relação entre violência e a consequente resposta de esquiva experiencial (Bell et al, 2015; Gratz et al, 2007; Shorey, Anderson & Stuart, 2014). Assim como também outros trabalhos mostram que a esquiva experiencial é produto da tentativa de controlar as suas emoções (Krause, 2013; Kashdan, 2006; Aldwin & Revenson, 1987; Costa, 2012; Hayes & Wilson, 1994, Conte, 2010). Logo, violência e controle emocional parecem partilhar aspectos comuns que não apenas a esquiva experiencial. De fato, vítimas de violência comumente apresentam quadros sintomatológicos associados ao controle de emoções, especialmente negativas, como uma forma de evitar que a experiência das mesmas seja equivalente a reviver um episódio de violência (Roemer et al, 2001; Fiorillo, Papa & Follette, 2013; Warnke et al, 2018; Weiss et al, 2018).

Assim, considerando a associação violência-controle emocional, no presente trabalho o foco será no abuso emocional, o qual se caracteriza como uma manifestação de violência velada, presente em outros tipos de abuso (Crawford & Wright, 2007; Edwards, Holden, Felitti, & Anda, 2003), e o qual deixa marcas emocionais profundas, independentemente de classe social e/ou cultural (Conte & Klika, 2017). Tal manifestação da violência está ligada a aspectos da afetividade do indivíduo e afeta diretamente a expressividade das emoções e outras questões do desenvolvimento (Abranches & Assis, 2011; O'Hagan, 1995). Para que um episódio seja caracterizado como sendo de abuso emocional, ele deve ocorrer repetidamente e com alta duração, do contrário, pode se configurar apenas como uma interação emocional inadequada (O'Hagan, 1995).

Destarte, levanta-se a questão será que a maneira com que aprendemos a controlar nossas emoções e atribuir a elas uma valência que transforma nossa interação com as mesmas, pode ser análoga a um abuso emocional?

O objetivo da presente pesquisa consiste em realizar uma revisão sistemática da literatura para identificar a relação existente entre controle emocional e abuso emocional.

2 MÉTODO

Foram consultadas cinco bases de dados: CAPES, Scielo, LILACS, PePSIC, Web of Science. Os descritores utilizados foram formulados em língua portuguesa e inglesa. Os *strings* usados consistiram em “controle emocional” AND “abuso emocional” OR “abuso psicológico” e “emotional control” AND “emotional abuse” OR “psychological abuse”. As buscas nas bases de dados se concentraram entre os dias 13 a 20 de maio de 2019. A base CAPES forneceu 242 resultados, a *Scielo* resultou em 1 artigo e a *Web of Science* resultou em 4 resultados, totalizando 247 resumos. As demais, LILACS e PePSIC não apresentaram nenhum resultado da busca. Ao final da seleção da amostra também foi realizada uma busca nas referências dos artigos obtidos.

Utilizou-se o *Software Parfisal* para documentar os resultados encontrados. A figura 1 mostra as estratégias utilizadas para seleção da amostra. Foi realizada uma análise dos títulos e resumos a partir dos quatro critérios de inclusão estabelecidos: (1) Os artigos devem ter uma das palavras-chaves em seu título ou resumo, (2) O idioma dos trabalhos deve ser em português, inglês, ou espanhol, (3) O texto deve abranger a temática do controle emocional e (4) A versão completa das publicações deve estar disponível.

Ao todo foram considerados elegíveis, nesta etapa, 25 resumos. A partir de uma releitura dos resumos, uma prévia do método ou outras seções em sua versão completa, verificou-se quais atendiam aos critérios de exclusão: (1) consistirem em livros, teses e dissertações, (2) não se adequarem ao tema e (3) artigos repetidos entre as bases. Acrescentou-se a análise 1 artigo

encontrados a partir das referências dos trabalhos que constaram na busca. No final, a amostra totalizou 8 artigos.

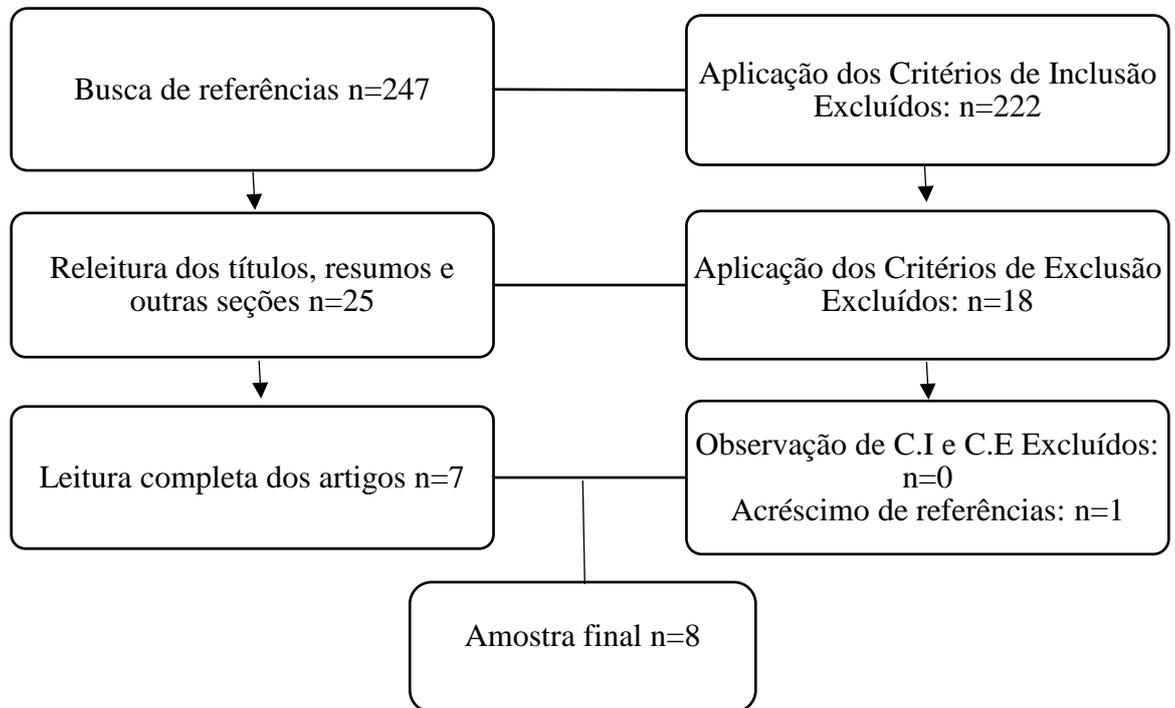


Figura 1. Estratégias de seleção da amostra

RESULTADOS

Os artigos selecionados foram dispostos na tabela 1 juntamente com os aspectos utilizados para análise da amostra. Tendo como ponto de partida que os trabalhos abordassem a temática do controle emocional, o primeiro aspecto analisado foi o objetivo de cada um dos artigos, a fim de verificar a abrangência do tema no estudo. Dentre os 8 artigos selecionados, 5 deles (Eckstein, 2004; Riggs, 2010; Daruy-filho et al, 2013; Liu et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018) abordavam o controle emocional como algo secundário em seus objetivos principais ou como algum aspecto que transpassasse a temática central. E somente 3 deles

(Feeney, 1999; Bowers & Wroe, 2016; Heleniak et al, 2016) tinham em seus objetivos principais o controle emocional em primeiro plano.

Em outra análise, foi comparado entre os artigos obtidos qual tipo de relação o estudo estabelecia com o controle emocional. Alguns (Riggs, 2010; Daruy-filho et al, 2013; Heleniak et al, 2016; Liu et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018) colocavam que o uso inadequado do controle emocional ou utilizar a supressão de suas emoções como estratégia de enfrentamento, era *consequência* de algum tipo violência, como o abuso emocional. Enquanto outro, apresentou o controle emocional como uma *relação* com os tipos de apego (Feeney, 1999). De igual modo, outro estudo da amostra (Bowers & Wroe, 2016) relaciona o controle emocional à manutenção de uma doença, mostrando o seu agravamento como um *efeito* do construto aqui trabalhado. Por último, o artigo de Eckstein (2004) menciona o controle das emoções como um exemplo de *abuso emocional*.

Outro aspecto evidenciado através da tabela 1 foram os principais resultados obtidos nos artigos da amostra. Dos 8 trabalhos, 4 deles (Riggs, 2010; Heleniak et al, 2016; Liu et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018) apresentaram resultados em que o controle emocional aparecia como sendo passível de ser utilizado de forma eficaz ou não a depender do contexto. Nesses estudos o controle inadequado das emoções foi usualmente associado e comprovado como consequência de uma violência ou relacionado a algum tipo de transtorno.

Em contrapartida, nos outros 4 artigos (Feeney, 1999; Eckstein, 2004; Daruy-filho et al, 2013; Bowers & Wroe, 2016) os resultados mostraram a prática de controlar as emoções como algo negativo por si só, seja por consequência de uma exposição a violência, como um fator atenuador de doenças ou relacionada a outros fenômenos.

Todos os estudos selecionados na amostra apresentaram de algum modo as consequências negativas que o controle emocional pode ter (Feeney, 1999; Eckstein, 2004;

Riggs, 2010; Daruy-filho et al, 2013; Liu et al, 2016; Bowers & Wroe, 2016; Heleniak et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018).

Tabela 1

Aspectos analisados dos estudos obtidos

Autor, ano (referência)	Objetivos	Relação com controle emocional	Resultados principais
Feeney, 1999	Ampliar estudos acerca da relação entre estilos de apego, experiência das emoções e controle emocional	Relação	O apego inseguro foi associado a maior experiência de emoções negativas do que positivas, e a um maior controle das emoções dentro do casamento
Eckstein, 2004	Explorar os episódios de abuso de adolescentes para com os pais e identificar as perspectivas dos pais em relação aos abusos	Abuso	Os pais que sofrem abuso de seus filhos adolescentes sabiam identificar os diferentes tipos de violência, percebiam que os abusos verbais eram preditores de abusos físicos e emocionais e relataram que os adolescentes foram gradualmente deixando de cumprir a disciplina
Riggs, 2010	Investigar sobre o abuso emocional na infância a partir da teoria do apego e desenvolver um modelo explicativo sobre as consequências do abuso emocional nos relacionamentos românticos na vida adulta	Consequência	O abuso emocional na infância interfere no desenvolvimento da habilidade de regulação das emoções e contribui para o apego inseguro. Na idade adulta, esses fatores produzem altos níveis de ansiedade e evitação de apego, o que está associado a distúrbios psicológicos graves e disfunções no relacionamentos românticos

Daruy-filho et al, 2013	Associar os maus-tratos de crianças com bipolaridade a prejuízos no desempenho cognitivo que afetam estratégias de enfrentamento	Consequência	Pacientes com bipolaridade que vivenciaram situações de maus-tratos apresentaram preferência pelo uso de estratégias de enfrentamento que focalizavam o controle emocional e evitação
Bowers & Wroe, 2016	Verificar o papel das crenças sobre emoções e supressão emocional na manutenção da Síndrome do Intestino Irritável (SII)	Efeito	Os participantes com SII apresentaram tendência significativa em manterem crenças de que suas emoções são inaceitáveis. Todavia, não houve diferenças entre o grupo experimental e o grupo controle quanto a supressão emocional
Heleniak et al, 2016	Investigar se a relação entre abuso emocional e os componentes da regulação emocional estão associados com psicopatologias na adolescência	Consequência	Verificou-se que a exposição a violência está associada a formas de desregulação emocional, que por sua vez, possuem relação com a psicopatologia
Liu et al, 2016	Investigar sobre a relação entre situações adversas vivenciadas na infância e prejuízos da função executiva em dependentes de álcool	Consequência	Os participantes dependentes de álcool apresentaram porcentagens maiores de experiências adversas na infância do que comparado ao grupo controle. As situações de abuso emocional afetam o desenvolvimento de um controle emocional eficaz, o que foi considerado no estudo um fator preditor da dependência
Harel & Finzi-Dottan, 2018	Examinar os efeitos do abuso emocional sofrido na infância no comportamento parental futuro	Consequência	Os participantes que sofreram algum tipo de maus-tratos na infância pontuaram mais em apego inseguro ou evitativo e desregulação das emoções

4 DISCUSSÃO

O estudo realizado buscou investigar através de uma revisão sistemática, a relação existente entre controle emocional e abuso emocional. Os resultados encontrados apontam para uma predominante ligação de consequência entre os conceitos, ou seja, um impacto na forma com que se controla as emoções aparece como efeito de um abuso emocional (Riggs, 2010; Daruy-filho et al, 2013; Heleniak et al, 2016; Liu et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018). A investigação também coletou artigos que abordavam a temática do controle emocional associada a outros fatores e fenômenos, como a relação com os estilos de apego quando criança e seu efeito atenuador de patologias (Feeney, 1999; Bowers & Wroe, 2016). Esses últimos não estabeleciam uma relação direta com o abuso emocional ou qualquer outro tipo de violência.

Por outro lado, um dos artigos selecionados apresentou não apenas uma relação direta, como também, de equivalência, ao mencionar o controle das emoções como uma prática abusiva emocionalmente (Eckstein, 2004). O estudo mencionado aborda comportamentos violentos dos filhos emitidos em relação aos pais, em dado momento pontua algumas práticas de abuso emocional, e dentre elas está o controle das emoções. Todavia, ele não se aprofunda na temática e nem ao modo como a coloca no texto.

Apesar disso, todos os trabalhos da amostra apresentaram consequências negativas que o controle emocional pode ter (Feeney, 1999; Bowers & Wroe, 2016; Heleniak et al, 2016; Eckstein, 2004; Riggs, 2010; Daruy-filho et al, 2013; Liu et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018), em consonância com outros artigos da literatura que também já investigaram as implicações do controle das emoções (Sayers & Sayette, 2013; Harris, 2006; Barraca, 2012; Eisenberg, Cumberland & Spinrad, 1998; Aldao, Nolen-Hoeksema & Schweizer, 2010).

O presente estudo detectou que diferentes termos fazem menção a maneira com que os indivíduos manuseiam suas emoções, sendo encontrados alguns nos estudos obtidos como

“controle emocional” (Feeney, 1999; Eckstein, 2004; Daruy-filho et al, 2013; Liu et al, 2016), “autocontrole” (Riggs, 2010) e “regulação das emoções” (Heleniak et al, 2016; Harel & Finzi-Dottan, 2018), assim como na literatura também aparece essa diversidade de terminologias (Batista & Tourinho, 2012; Keller & Otto, 2009; Mendes e Cavalcante, 2014; Hayes & Wilson, 1994; Nico, 2001). Não fora intuito se ater a busca das possíveis diferenças inerentes a cada um desses termos, embora todos parecem tratar de um mesmo aspecto das emoções, conforme afirmam Batista e Tourinho (2012) ao citarem o objetivo de seu artigo, o qual consistia apresentar uma interpretação analítico-comportamental de autocontrole, também conhecido “predominantemente como controle de impulsos e emoções”.

Algo em comum aparece quando as diferentes expressões são utilizadas, o controle das emoções parece estar associado principalmente a supressão das emoções negativas, e é justamente o não experienciar a elas que produzem efeitos prejudiciais à saúde emocional dos indivíduos (Pisani et al, 1982; Harris, 2006; Barraca, 2012). Desde a infância aprendemos sobre as emoções e suas formas de expressar, as práticas de socialização contribuem para o desenvolvimento de competências emocionais, no entanto, muitas vezes elas se resumem a promover a inibição dessas emoções que são consideradas negativas como uma atitude protetora e saudável (Gross & Levenson, 1997). Tais estratégias se tornam problemáticas a medida que a criança passa a suprimir intensamente emoções que também são necessárias serem sentidas (Eisenberg, Cumberland & Spinrad, 1998; Suveg et al, 2008).

O que a família estabelece e acredita acerca do experienciar e expressar das emoções afeta o significado para as crianças sobre sua própria experiência emocional (Dunsmore, 1997). Logo, estratégias que visem ensinar sobre a supressão de emoções negativas é uma forma de inibir o contato da criança com essas experiências, e isso acarreta ao longo da vida numa intensificação cada vez maior do uso do controle a emoções que de alguma forma causam desconforto a ela (Hayes, Pistorello & Levin, 2012; Hayes & Smith, 2005). Sem contar que em

sua trajetória essa pessoa pode reproduzir o mesmo controle com aqueles a sua volta, como punindo o comportamento de expressão das emoções tidas como negativas dos outros.

Isso não vem dos dias de hoje. Em 1994 o sociólogo Elias produziu um estudo acerca do processo civilizatório, nele discorreu sobre as mudanças ocorridas na França do século XVIII quando houve um crescimento da sociedade aristocrática com a inserção dos grupos burgueses. Os desdobramentos disso foi que muitos dos costumes e interesses que eram socialmente específicos e distintivos desses estratos sociais alcançaram um caráter nacional, inclusive a forma com que se controlavam as emoções. O autor aponta para uma tendência às pessoas se moldarem mais umas às outras do que na Idade Média, a partir de uma maior rigidez da hierarquia social depois do surgimento de uma nova aristocracia formada por grupos de diferentes origens. Em uma tentativa de modelar e controlar a nova estrutura de classe, o rigor nas normas de comportamento aumenta e aquilo que se espera das pessoas constituintes do grupo também se eleva (Elias, 1994, p.91).

A mobilidade das classes e o aumento da rigidez do comportamento esperado de cada um fizeram com que houvesse um maior foco no indivíduo, dado que as classes mais altas agora eram compostas por grupos distintos e a aplicabilidade das novas normas não se dessem de uma mesma maneira para todos. Com isso, notou-se nesse momento da história um aumento do policiamento do próprio comportamento, para que se estivesse enquadrado naquilo que era exigido e se sobressaísse dos demais (Elias, 1994, p.93)

Um foco cada vez maior na internalização das emoções é visto até os dias de hoje, aquilo que é incômodo ao outro torna-se alvo do controle por meio do verbal (Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2001; Torneke, 2010). O que buscava-se encontrar na literatura através dessa revisão sistemática, era alguma relação análoga entre o controle emocional e o abuso emocional, por se compreender que a linguagem também é comportamento e pode produzir respostas emocionais equivalentes as de práticas violentas (Batista & Tourinho, 2012). Por meio da linguagem, somos

capazes de avaliar ou julgar nossos próprios comportamentos ou os de outras pessoas. Criamos redes relacionais, em que elaboramos esse conhecimento sobre quem somos, sobre o que gostamos ou não, e o repertório comportamental que nos permite essa organização é o mesmo que nos permite propor regras e estabelecer o que é ou não adequado (Hayes et al, 2001; Zettle et al, 2016). Mudanças nas contingências mudam totalmente a adequação de determinados comportamentos e nós seres humanos passamos a criticar valores e até a própria moral (Sidman, 2003). Dessa forma, ao olharmos funcionalmente para o conjunto de respostas que está presente mesmo nas mais simples emoções – como diversas respostas eliciadas e culturalmente definidas como alegria ou tristeza, por exemplo, além de comportamentos operantes evocados, como expressões faciais ou gestos corporais.

Nesse aspecto se analisarmos funcionalmente o efeito do controle emocional ele será análogo a esquivas experienciais no sentido que regula de alguma maneira o que deve ser sentido, regula comportamentos que são determinados ambientalmente, considerando-os voluntários. Claro que existem situações de controle mais e menos intenso e em algumas delas a competição ambiental potencialmente representa uma experiência menos aversiva. Por outro lado, o que o controle emocional apresenta para o indivíduo, muitas vezes pode sim ser considerado uma forma de violência no sentido que esperamos que ele crie arbitrariamente controles que deveriam ser fortes o suficiente para dar um aspecto de “voluntário” para a expressão de sentimentos ou emoções.

É possível inferir, que na maioria dos casos, na melhor das hipóteses o que é possível de apresentar respostas concorrentes é apenas para os operantes, expressões e gestos corporais, que não seriam em si o elemento central desses sentimentos, mas sim uma expressão topográfica que permite tornar pública uma experiência privada. Essas práticas permitem mesmo alterar funções, e verbalmente modificar os significados tornando sentimentos, emoções e suas expressões, evocando e a depender da história até eliciando respostas de forma arbitrária.

Exemplos do que está descrito acima, podem ser observados desde a transição da Idade Média para a Idade Moderna em que o uso do controle emergiu como uma forma de uniformizar os grupos heterogêneos da classe alta, atualmente, ele cumpre semelhante função por determinar aquilo que pode ser exposto ou não em prol da caracterização positiva do sujeito, logo, objetivando se destacar de um indivíduo para o outro. Não expressar tristeza é notoriamente vinculado à força, resiliência e maturidade, enquanto o contrário é associado a fraqueza. Relações como essas estabelecidas desde a infância, permanecem sendo reforçadas culturalmente, assim como nos séculos anteriores, ao longo de todo desenvolvimento.

As pessoas foram historicamente obrigadas a adotarem um controle e inexpressividade dos seus desejos e emoções, ao passo que construíram no entorno de si uma barreira invisível cada vez mais densa em relação aos outros, onde o que ocorre no “mundo interno” é filtrado ao máximo quando vai ultrapassar esses limites de eu-outro. Em *A sociedade dos indivíduos* Elias (1994) discorre que

“é esse conflito no interior do indivíduo, essa “privatização” ou exclusão de certas esferas de vida da interação social, e a associação delas com o medo socialmente instilado sob a forma de vergonha e embaraço, por exemplo, que levam o indivíduo a achar que, “dentro” de si, ele é algo que existe inteiramente só, sem relacionamento com os outros, e que só “depois” se relaciona com os outros “do lado de fora”(p.32).

Esse processo de individualização transmite sutilmente a ideia de que a distinção das emoções e comportamentos que poderiam ser expostos ou não são escolhas do próprio sujeito que pretende adotar aos comportamentos socialmente aceitáveis (Elias, 1994, p. 153; Batista & Tourinho, 2012). A barreira erguida entre o que é público e privado, além de favorecer a ideia de que no privado somos isolados ao que ocorre no mundo externo, também fomenta um ciclo vicioso onde essa divisão retroalimenta o controle das emoções.

As implicações disso são que quanto mais as experiências sociais e afetivas são tratadas como estritas ao domínio interno dos sujeitos, deixando de se olhar para as relações dos homens

com o mundo, mais dificultoso é produzir “relações que definem condições saudáveis e produtivas de vida” (Tourinho, 2006). Fica distante da esfera social a forma com que a pessoa irá optar pelas suas escolhas de controle das emoções ou dos comportamentos, transmitindo uma responsabilidade exclusivamente ao indivíduo.

Quando na realidade o controle depende das contingências sociais estabelecidas e do conhecimento que cada um tem de si mesmo (Batista e Tourinho, 2012). Ainda que essa inibição das emoções seja culturalmente reforçada, cabe salientar que isso não fará com que o indivíduo deixe de vivenciar a emoção, e isso que afeta imensamente a si mesmo, pois somente a expressão deixará de transparecer. Todavia, a tristeza, raiva, ou angústia, ainda estará lá e negá-los traz um sofrimento ainda mais intenso (Costa, 2012). Nisso que a ACT propõe intervenções, trabalhar questões da linguagem que trazem um adoecimento psicológico como é o caso do controle das emoções, e usá-la para o próprio tratamento ou processo de compreensão da pessoa sobre suas próprias emoções (Hayes, Strosahl & Wilson, 1999; Conte, 2010).

O presente estudo questiona essas contingências estabelecidas pela cultura e sugere que as práticas de controle das emoções ensinadas são uma violência para com os outros e si mesmo, por afetar consideravelmente o desenvolvimento emocional dos indivíduos e suas formas de se relacionar e se expressar com os demais. Por fim, culturalmente, restringimos arbitrariamente a expressão de emoções ignorando os possíveis efeitos nocivos que essa restrição pode ter em nossa vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de chamar a atenção para a questão do controle das emoções tal como é posto desde a infância, o presente estudo teve por objetivo investigar as maneiras com que se relacionavam o controle emocional e o abuso emocional. Embora muitos estudos apontem para as possíveis implicações do uso do controle das emoções, sobretudo da supressão de emoções tidas como negativas, ainda nenhum trabalho realizado mostrou como o ensino e reforço de tais práticas podem ser abusivas.

Algumas lacunas já podem ser vistas de antemão, tais como a falta de especificidade do estudo em uma abordagem da Psicologia, visto que a ideia era abranger a tudo que houvesse na literatura. O uso de terminologias distintas, já mencionadas anteriormente, que possivelmente pode não ter incorporado a busca, em vista dos descritores previamente selecionados, todos estudos já realizados que fizessem menção a essa relação proposta.

Ademais, outra lacuna encontrada é a inexistência de um público alvo. Ainda que o trabalho tenha discutido majoritariamente sobre aspectos da aprendizagem do tema na infância, vê-se a necessidade de explorar mais especificamente como o controle emocional equiparado a uma violência ocorre na idade adulta, por exemplo.

Por último, como sugestão a todas as lacunas apontadas, indica-se a produção de pesquisas experimentais que estudem o controle emocional como uma forma de violência.

REFERÊNCIAS

- Abranches, C. D., & Assis, S. G. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(5), 843-854.
- Aggio, N. M., De Almeida, J. H., Cortez, M. D., & De Rose, J. C. (2014). O papel das emoções na aprendizagem do comportamento simbólico. *Perspectivas em análise do comportamento*, 5(1), 27-39.
- Aldao, A. & Nolen-Hoeksema, S. & Schweizer, S. (2009). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30, 217-37.
- Aldwin, C. M., & Revenson, T. A. (1987). Does coping help? A reexamination of the relation between coping and mental health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(2), 337-348.
- Barbosa, L. & Murta, S. (2014). Terapia de aceitação e compromisso: história, fundamentos, modelo e evidências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 16, 34-49.
- Barraca, J. (2012). «Mental control» from a third-wave behavior therapy perspective. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 12, 109-121.
- Batista, J. R. & Tourinho, E. (2012). Interpretação Analítico-Comportamental do Autocontrole Emocional. *Interação em Psicologia*, 16(2), 249-259. (Qualis/CAPES: A2). 16. 10.5380.
- Bell, K. M. & Higgins L. (2015). The impact of childhood emotional abuse and experiential avoidance on maladaptive problem solving and intimate partner violence. *Behav Sci (Basel)*, 5, 154–175.
- Bowers, H. & Wroe, A. (2015). Beliefs about emotions mediate the relationship between emotional suppression and quality of life in irritable bowel syndrome. *Journal of Mental Health*, 25.
- Brandão, C. da F. (2007). A teoria dos processos de civilização e o controle das emoções. *Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde*, 1(6).
- Conte, F. C. de S. (2010). Reflexões sobre o sofrimento humano e a análise clínica comportamental. *Temas em Psicologia*, 18(2), 385-398.
- Conte, J. R., & Klika, B. (2017). *The APSAC Handbook on Child Maltreatment (4rd.ed.)* CA London: Sage
- Costa, N. (2012). Terapia de Aceitação e Compromisso: É uma Proposta de Intervenção Cognitivista?. *Perspectivas em análise do comportamento*, 3(2), 117-126.
- Crawford, E., & Wright, M. O. (2007). The impact of childhood psychological maltreatment on interpersonal schemas and subsequent experiences of relationship aggression. *Journal of Emotional Abuse*, 7, 93-116.

- Daruy-Filho, L., Brietzke, E., Kluwe-Schiavon, B., Fabres, C. da S., & Grassi-Oliveira, R. (2013). Childhood maltreatment and coping in bipolar disorder. *Psychology & Neuroscience*, 6(3), 271-277.
- Denham, S., Mitchell-Copeland, J., Srandberg, K., Auerbach, S. & Blair, K. (1997). Parental Contributions to Preschoolers 'Emotional Competence: Direct and Indirect Effects. *Motivation and Emotion*. 21. 65-86.
- Dunsmore, J.C., Halberstadt, A. G. (1997) How does family emotional expressiveness affect children's schemas. *New Directions for Child Development*, 77, 45–68.
- Eckstein, N. J. (2004) Emergent issues in families experiencing adolescent-to-parent abuse, *Western Journal of Communication (includes Communication Reports)*, 68(4), 365-388.
- Edwards, V. J., Holden, G. W., Felitti, V. J., & Anda, R. F. (2003). Relationship between multiple forms of childhood maltreatment and adult mental health in community respondents: results from the adverse childhood experiences study. *American Journal of Psychiatry*, 160, 1453-1460
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental Socialization of Emotion. *Psychological Inquiry*, 9, 241-273.
- Ekman P. (1992b). Are there basic emotions? *Psychological Review*. 99, 550-553
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1971). Constants across cultures in the face and emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 17, 124-129.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador: uma história dos costumes* (2. ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1.
- Feeney, J. (1999). Adult attachment, emotional control, and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169 - 185.
- Fiorillo, D., Papa, A., & Follette, V. M. (2013). The relationship between child physical abuse and victimization in dating relationships: The role of experiential avoidance. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 5(6), 562–569.
- Fonseca, V. (2016). Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia*, 33(102), 365-384.
- Franco, M. da G. S. C., & Santos, N. N. (2015). Desenvolvimento da Compreensão Emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(3), 339-348.
- Gratz, K. & Bornovalova, M. & Delany-Brumsey, A. & Nick, B. & Lejuez, C. (2007). A Laboratory-Based Study of the Relationship Between Childhood Abuse and Experiential Avoidance Among Inner-City Substance Users: The Role of Emotional Nonacceptance. *Behavior therapy*, 38, 256-68.
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1997). Hiding feelings: The acute effects of inhibiting negative and positive emotion. *Journal of Abnormal Psychology*, 106(1), 95-103.

- Harel, G. & Finzi-Dottan, R. J. (2018). Childhood Maltreatment and its Effect on Parenting among High-Risk Parents. *Child Fam Stud*, 27, 1513.
- Harris, R. (2006). Embracing your Demons: an Overview of Acceptance and Commitment Therapy. *Psychotherapy in Australia*, 12, 2-8.
- Hayes, S. & Wilson, K. (1994). Acceptance and Commitment Therapy: Altering the Verbal Support for Experiential Avoidance. *The Behavior analyst / MABA*, 17, 289-303.
- Hayes, S. C., & Smith, S. (2005). *Get out of your mind and into your life: The new Acceptance and Commitment Therapy*. Oakland, CA: New Harbinger.
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (Eds.). (2001). *Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum Press.
- Hayes, S. C., Pistorello, J., & Levin, M. E. (2012). Acceptance and commitment therapy as a unified model of behavior change. *The Counseling Psychologist*, 40(7), 976-1002.
- Hayes, S. C., Strosahl, K. D., & Wilson, K. G. (2003). *Acceptance and commitment therapy: An experimental approach to behavior change*. New York/ London: The Guilford Press.
- Hayes, S. C., Strosahl, K., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and Commitment Therapy: An experiential approach to behavior change*. New York: Guilford Press.
- Hayes, S. C., Wilson, K. G., Gifford, E. V., Follette, V. M., & Strosahl, K. (1996). Experiential avoidance and behavioral disorders: A functional dimensional approach to diagnosis and treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 1152–1168.
- Heleniak, C. & Jenness, J. & Stoep, A. V. & Mccauley, E. & Mclaughlin, K. (2015). Childhood Maltreatment Exposure and Disruptions in Emotion Regulation: A Transdiagnostic Pathway to Adolescent Internalizing and Externalizing Psychopathology. *Cognitive Therapy and Research*, 40.
- John, O.P., & Gross, J.J. (2004). Healthy and unhealthy emotion regulation: personality processes, individual differences, and life span development. *Journal of personality*, 72 6, 1301-33 .
- Kashdan, T. & Collins, R. L. & Elhai, D. J. (2006). Social Anxiety and Positive Outcome Expectancies on Risk-Taking Behaviors. *Cognitive Therapy and Research*. 30, 749-761.
- Keller, H., & Otto, H. (2009). The Cultural Socialization of Emotion Regulation During Infancy. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(6), 996–1011.
- Krause, E. D., Mendelson, T., Lynch, T. R. (2003). Childhood emotional invalidation and adult psychological distress: the mediating role of emotional inhibition. *Child Abuse Neglect*, 27, 199–213.
- Liu, Z. & Yang, Y. & Shi, Z. & Liu, J. & Wang, Y. (2016). The risk of male adult alcohol dependence: The role of the adverse childhood experiences and ecological executive function. *Comprehensive Psychiatry*, 68.

- Macedo, L. S. R. de, & Sperb, T. M. (2013). Regulação de emoções na pré-adolescência e influência da conversação familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 133-140.
- Mendes, D. M. F. & Cavalcante, L. I. (2014). Modelos de Self e Expressão Emocional em Bebês: Concepções de Mães e Outras Cuidadoras. *Psico*. 45, 110.
- Mendes, D. M. L. F., & Moura, M. L. S. (2009). Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2)
- Nico, Y. C. (2001). *A contribuição de B. F. Skinner para o ensino do autocontrole como objetivo da educação* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- O'Hagan KP. Emotional and psychological abuse: problems of definition. *Child Abuse Negl* 1995; 19(4):449-61.
- Pisani, E. M., Bisi, G. P., Rizzon, L. A. & Nicoletto, U. (1982). *Psicologia Geral* (3 ed). Caxias do Sul, Porto Alegre: Editora Vozes.
- Riggs, S. A. (2010). Childhood Emotional Abuse and the Attachment System Across the Life Cycle: What Theory and Research Tell Us. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19, 5-51.
- Roemer, L., Litz, B. T., Orsillo, S. M., & Wagner, A. W. (2001). A preliminary investigation of the role of strategic withholding of emotions in PTSD. *Journal of Traumatic Stress*, 14(1), 149–156.
- Rozenblat, V., Ryan, J., Wertheim, E. H., King, R., Olsson, C. A. and Krug, I. (2017) Investigating Direct Links between Depression, Emotional Control, and Physical Punishment with Adolescent Drive for Thinness and Bulimic Behaviors, Including Possible Moderation by the Serotonin Transporter 5-HTTLPR Polymorphism. *Front. Psychol.* 8:1361.
- Santos, F. T. (2007). As emoções nas interações e a aprendizagem significativa. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 9 (2), 1-15.
- Sayers, W. M., & Sayette, M. A. (2013). Suppression on Your Own Terms: Internally Generated Displays of Craving Suppression Predict Rebound Effects. *Psychological Science*, 24(9), 1740–1746.
- Schwartz, F. T., Lopes, G. P., & Veronez, L. F. (2016). The importance of naming the emotions in childhood: experience report. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(3), 637-639.
- Sheppes G., Scheibe S., Suri G., Gross J. J. (2011). Emotion-regulation choice. *Psychol. Sci.* 22, 1391–1396.
- Shorey, R. C., Anderson, S., & Stuart, G. L. (2015). The Relation Between Trait Mindfulness and Aggression in Men Seeking Residential Substance Use Treatment. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(10), 1633–1650.
- Sidman, M. (2003). *Coerção e suas implicações*. (M. A. Andery & T. M. Sérgio, trad.) Campinas: Livro Pleno (Trabalho original publicado em 1989).

- Stewart, I. (2015). The fruits of a functional approach for psychological science. *International journal of psychology : Journal internationale de psychologie*, 51.
- Suveg, C., Sood, E., Barmish, A., Tiwari, S., Hudson, J. L., & Kendall, P. C. (2008). "I'd rather not talk about it": Emotion parenting in families of children with an anxiety disorder. *Journal of Family Psychology*, 22(6), 875-884.
- Törneke, N. (2010). *Learning RFT: An introduction to Relational Frame Theory and Its Clinical Application*. Oakland: Context Press
- Tourinho, E. (2006). Mundo interno e autocontrole. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2(1), 21-36.
- Twohig, M. P. (2012). The basics of acceptance and commitment therapy. *Cognitive and Behavioral Practice*, 19, 499-507.
- Vale, V. (2009). Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. *Exedra*, (2), 129-146.
- Warnke, A. S., Nagy, S. M., Pickett, S. M., Jarrett, N. L., & Hunsanger, J. A. (2018). The examination of behavior inhibition system sensitivity, experiential avoidance, and sex in relation to post-traumatic stress symptom severity: Comparison of a moderated versus mediated model. *Personality and Individual Differences*, 132, 60-65.
- Weiss, N. H., Darosh, A. G., Contractor, A. A., Forkus, S. R., Dixon-Gordon, K. L., & Sullivan, T. P. (2018). Heterogeneity in emotion regulation difficulties among women victims of domestic violence: A latent profile analysis. *Journal of Affective Disorders*, 239, 192–200.
- Zettle, R. D., Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D. & Biglan, A. (2016) *The Wiley Handbook of Contextual Behavioral Science*. John Wiley & Sons.